

Despertar no Ramalho

Roberto Brandi

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

Nos últimos anos, toda vez que ia à Serra do Ramalho, voltava extasiado com as descobertas que fazíamos por lá. O leque de descobertas era tão variado e vasto que, com o tempo, fui ficando mal acostumado, mimado e convencido de que cada expedição me traria o máximo do regozijo espeleológico. Uma sensação de

bem-estar e torpor, que certamente era também compartilhada por muitos dos meus colegas.

As descobertas espeleológicas eram de certa forma tão intensas e envolventes que, face aos encantos da superfície, não lhes devotava mais do que um olhar. Contemplador não seria um adjetivo adequado à minha postura. Na superfície, nada mais interessava no horizonte além de fendas, buracos, paredões, leitos secos de rios e qualquer outro indício que naquele relevo ou paisagem pudesse revelar uma caverna.

As cavernas da Serra do Ramalho e sua fantástica combinação entre o desconhecido e a aventura tinham em mim um efeito entorpecente. Eu e mais alguns dos meus colegas com os anos nos tornamos dependentes desta droga: uma aventura sem fim na escuridão. Uma escuridão incógnita, exercendo em mim uma atração tão intensa quanto a determinação de um alpinista rumo ao cume de uma montanha. Com o passar do tempo, me tornava tão objetivo nas explorações que não havia mais

tempo para contemplações. Fotos?! Nem pensar... Tínhamos que seguir adiante, quilômetros de galerias inexploradas precisavam sustentar nosso vício. O tempo foi ficando escasso até mesmo para os encantos da própria caverna. Com seus espeleotemas, lagos, animais, pinturas e fósseis, a caverna se esforçava em nos entreter por alguns momentos. Nada nos detinha.

Em junho de 2007, tudo dizia que mais adrenalina e aventura estariam correndo em minhas veias. Promessa vã... Os dias da expedição seguiam, os resultados eram muito bons, talvez um pouco aquém do esperado, mas mesmo assim não havia o que reclamar, todos estavam felizes... Menos eu.

Alexandre Camargo - Iscoti



Finalmente, após tantos anos, pude apreciar verdadeiramente a paisagem da caatinga, sem me preocupar em deflorar em cada sombra uma entrada de caverna.

Por coincidência e por escolha minha, não tive sorte em minhas saídas. A maior gruta em que entrei em toda expedição não passava dos 300 metros, uma verdadeira micro-pulga frente ao potencial do Ramalho. Esconder a minha frustração seria mentir a mim mesmo.

Ao fim da expedição caminhava de volta à base junto aos meus amigos, sempre bem humorados, Iscoti e Joël. Suados e cansados, após um dia inteiro em baixo do sol, sem que nada de expressivo tivesse sido encontrado, Joël ainda tinha entusiasmo em observar com seus olhos investigativos o relevo da região. Percebendo meu desapontamento ele se aproximou e com seu biquinho francês me disse: “Roberto, tudo no carste é importante, tudo! Compreendeu??.”

Bem, digamos que não foi uma frase muito filosófica. Talvez o charme estivesse no sotaque, mas de repente despertei para uma outra realidade da espeleologia, e passei a enxergar nas incertezas do Ramalho sua beleza e atração.

Finalmente, após tantos anos pude apreciar verdadeiramente a paisagem da caatinga, sem me preocupar em deflorar em cada sombra uma entrada de caverna. Pude, em fim, comer um lanche de gruta sem pensar no próximo passo e apenas curtir a pequena entrada encontrada, que, mesmo singela, me oferecia sua sombra e frescor. Por fim pude ouvir as risadas dos meus amigos com o coração.



La révélation de Ramalho

Roberto Brandi
Groupe Bambuí de
Recherches Spéléologiques

Ces dernières années, à chaque fois que j'allais à la Serra do Ramalho, je m'extasiais devant les découvertes que nous faisons. La diversité des découvertes était si ample qu'avec le temps je me suis mal habitué, gâté et convaincu que chaque expédition me rapporterait le plus grand plaisir spéléologique. Une sensation de bien-être et de torpeur qui était sûrement partagée par beaucoup de mes collègues.

Les découvertes spéléologiques étaient si intenses et envoûtantes que, je ne dédiais qu'un simple regard au charme de la surface. Contemplateur ne serait pas l'adjectif adéquat à mon comportement concernant l'extérieur, rien ne m'intéressait qui ne fût fentes, trous, murs, lits secs de rivières ou autre indice qui puisse révéler une caverne dans un relief ou un paysage.

Les cavernes de la Serra do Ramalho et leur fantastique combinaison entre l'inconnu et l'aventure, avaient sur moi un effet de torpeur. Quelques-uns de mes

collègues et moi-même, sommes devenus dépendants de cette drogue au fil des années ; une aventure sans fin dans l'obscurité. Une obscurité inconnue, qui exerce sur moi une attraction aussi intense que la détermination d'un alpiniste vers le sommet d'une montagne. Avec le temps, je suis devenu si objectif envers les explorations qu'il n'y avait plus de temps pour la contemplation, des photos ?! Hors de question...Il nous fallait aller de l'avant, des kilomètres de galeries inexplorées soutenaient notre vice. Le temps est devenu trop court même pour les charmes de la propre caverne. Avec ses spéléothèmes, ses animaux, ses peintures ou ses fossiles, la caverne s'efforçait de nous ralentir quelques instants, mais rien ne nous retenait.

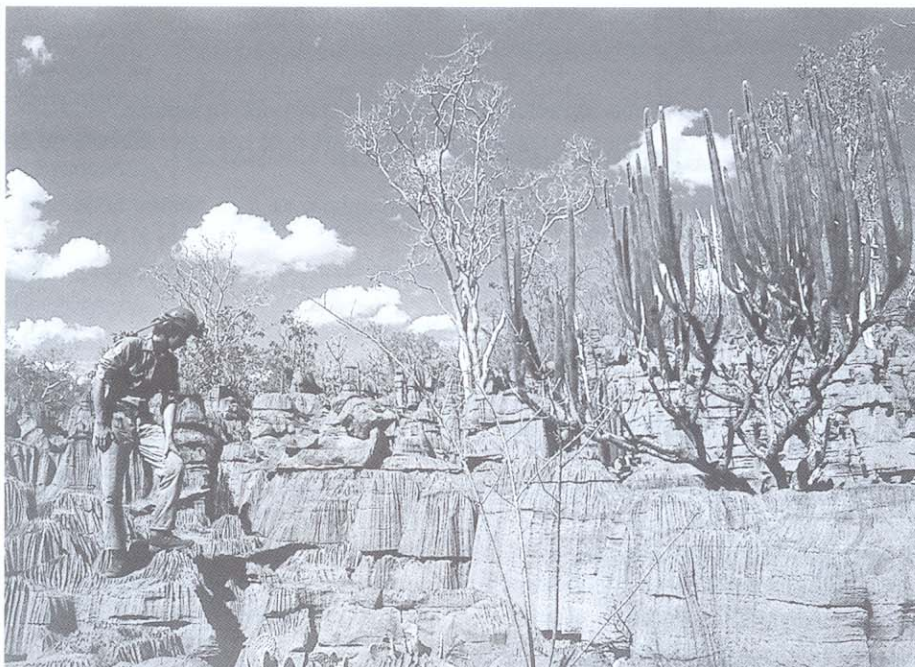
En juin 2007, tout semblait promettre qu'encore plus d'adrénaline et d'aventure courraient dans mes veines. Fausse promesse...Les jours d'expédition se suivaient, les résultats étaient très bons, peut-être un peu en dessous de ce que j'espérais, mais il n'y avait pas de quoi se plaindre, tout le monde était heureux...Pas moi.

Par coïncidence et par choix, je n'ai pas eu de chance lors de mes périples, la grotte la plus vaste dans laquelle je suis entré durant toute l'expédition ne

dépassait pas les 300 mètres, une véritable « micro puce » par rapport au potentiel du Ramalho.

Cacher ma frustration serait me mentir. A la fin de l'expédition, je retournais à la base avec mes amis toujours de bonne humeur, Iscoti et Joël. En sueur et fatigué, après un jour entier sous le sol sans que rien d'expressif ne soit trouvé, Joël gardait encore son enthousiasme à observer avec un regard inquisiteur, le relief de la région. S'apercevant de ma déception Joël s'est approché et m'a dit avec son accent français: « Roberto, tout dans le karst est important, tout ! As-tu compris ? »

Bon, il faut reconnaître que ce n'était pas une phrase très philosophique. Le charme était peut-être dans l'accent ! J'ai pris brusquement conscience de l'autre réalité de la spéléologie, et commencé à percevoir dans les incertitudes de Ramalho sa beauté et ses attraits. Finalement, après tant d'années, j'ai vraiment pu apprécier le paysage de la « caatinga », sans me soucier de déflorer dans chaque ombre, l'entrée d'une caverne. J'ai enfin pu manger dans la grotte sans penser au prochain pas et apprécier l'ombre et la fraîcheur qu'une entrée, même petite, me proposait. Mon cœur a pu enfin, entendre le rire de mes amis. 



Prospecção na
Serra do Ramalho.
Foto: Vitor Moura